

SANTOS - (A Silva) Admitamos que eu possa ter dito que eu quisse que vocês falassem atôa para não dizer nada. Isso não quer dizer que vocês falassem sempre atôa e para não dizer nada. Acontece porêm que às vezes, diz-se mais calando do que falando, como também pode-se dizer nada, falando de mais, aí está! Depende do momento e da pessoa. Mas, em suma: que é que vocês dois estão dizendo há tanto tempo? Nada, absolutamente nada! Não há quem não possa afirmar.

SOUZA - (Enterrompendo-o) É o Silva que fala atôa, para não dizer nada. Eu não.

SILVA - (Ao Souza) É você.

SOUZA - (Ao Silva) É você.

SANTOS - (Aos dois) São vocês.

SOUZA E

SILVA - (Ao Santos) É você.

SANTOS - Não, não sou, não Senhores.

SILVA - É, sim Senhor.

SOUZA - (Aos outros dois) Vocês falam atôa, para não dizer nada.

SILVA - Então eu falo atôa para não dizer nada?

SANTOS E

SOUZA - (Ao Silva) Sim Senhor, perfeitamente, você fala atôa para não dizer nada.

SOUZA E

SILVA - (Ao Santos) E você também fala atôa pra não dizer nada.

SANTOS - (Aos outros dois) São vocês que falam atôa para não dizer nada.

SOUZA - (Aos outros dois) São vocês que falam atôa, para não dizer nada.

SILVA - (Aos outros dois) São vocês que falam atôa, para não dizer nada.

SANTOS - (Ao Silva) É você.

SILVA - (A Santos) É você.

SOUZA - (Ao Silva) É você.

SILVA - (Ao Souza) É você.

SANTOS - (Aos outros dois) São vocês.

SOUZA - (Aos outros dois) São vocês.

SILVA - (Aos outros dois) São vocês.

(É JUSTAMENTE NESSA ALTURA QUE ENTRA A BELA DAMA)

D.A.M. - Bom dia, Senhores. Cuidado com os vasos de flôr. (Os três param brusquemente voltando-se para ela) Por que brigam assim atôa? (Fricoteira) Ah meus caros amiguinhos!

SILVA - Ah! Cara amiga, até que enfim chegás-te! És tu que vais nos tirar deste... mau passo.

SOUZA - Ah! Cara amiga! Verás em que ponto a má fé...

SANTOS - (Enterrompendo) Ah! Cara amiga aproxima-te um pouco que eu te possa por a par dos acontecimentos.

SILVA - (Aos dois outros homens) Sou eu quem vai por esta Senhora a par dos acontecimentos, pois que esta encantadora criatura é minha noiva. (A bela Dama mantém-se firme e "SORRISOSA")



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SOUZA - (Aos outros dois homens) Esta encantadora criatura
va.

SANTOS - (Aos outros dois) Esta encantadora criatura é minha noiva.

SILVA - (A bela Dama) Diz, querida, a estes Senhores que és minha noiva.

SANTOS - (Ao Silva) Engana-se, é minha noiva.

SOUZA - (A Dama) Diz, querida, a estes Senhores que és de fato...

SILVA - (Enterrompendo) Engana-se, ela é a minha...

SANTOS - (A Dama) Diz, querida...

SOUZA - (A Santos) Engana-se, é a minha ...

SILVA - (A Dama) Querida...

SANTOS - (A Souza) Engana-se, é a minha...

SOUZA - (A Dama) Querida...

SILVA - (A Santos) Engana-se, é a minha...

SANTOS - (A Dama) Diz, querida, que...

SOUZA - (A Silva) Engana-se, é a minha...

SILVA - (A Bela Dama puxando-a violentamente pelo braço) Ah! Querida...
(A Bela Dama perde um sapato)

SOUZA - (Puxando-a violentamente pelo outro braço) Permite, bem, que eu
te beijei!
(A Dama perde outro sapato, enquanto uma luva fica nas mãos do
Silva, Santos, que fôra buscar um dos vasos de flor, fazendo a
Dama virar para o seu lado)

SANTOS - Aceita este ramalhete de "BUQUERQUES" (Coloca as flores nos bra-
ços da Dama)

DAMA - Ah! Obrigadinha!

SILVA - (Vira a Dama para o seu lado e, colocando outras flores nos
seus braços) Toma estas lindas flores. (Empurrada, a Dama perde
o chapéu)

DAMA - Obrigadinha! Obrigadinha!

SOUZA - (Fazendo como os outros) Estas flores são tuas, como é teu meu
coração!

DAMA - Encantada! Encantada! (Tem os braços cheios de flores deixando,
porém, cair a bolsa)

SANTOS - Agarrando violentamente e urrando: Beija-me, beija-me!

SILVA - (Idem) Beija-me!

SOUZA - (Idem) Beija-me!
(E O BRINQUEDO CONTINUA POR ALGUM TEMPO. A DAMA DEIXA CAIR AS
FLORES, A SUA SAIA SE DESABOTÔA, SUAS ROUPAS SÃO AMARFANHADAS,
PUXA-SE E REPUXA-SE A DAMA QUE PASSA, ALTERNADAMENTE, DOS BRA-
ÇOS DE UNS AOS OUTROS VIRANDO SEMPRE À VOLTA DA MESA).

DAMA - Mardra! Me larguem!

SILVA - (Ao Santos) Largue já dela, vamos!

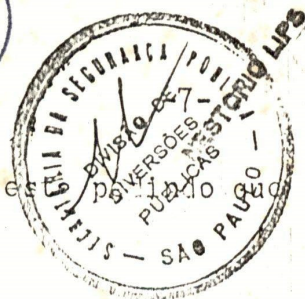
SANTOS - (Ao Silva) Largue já dela, vamos!

SILVA - (Ao Souza) Largue já dela, vamos!

SOUZA - (Ao Silva) Largue já dela, vamos!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CADA UM DOS HOMENS AOS DOIS OUTROS - É a você que ela es-
largue, então não vê?

DAMA - (Aos três) Me larguem, seus desgraçados!

OS TRÊS 'O MESMO TEMPO ESPANTADÍSSIMOS - Desgraçado! Quem? Eu?

(IMOBILIDADE GERAL. A DAMA DESCABELADA, DASAOTOADA, SEM FOLEGO, SEMI-NUA. DIRIGE-SE PARA O PÚBLICO. NA CONFUSÃO ARRAN-
RAM-LHE TAMBÉM, UM DOS BRAÇOS, O OUTRO BRAÇO, UMA PERNA)

DAMA - Senhores e Senhoras - De acordo! Absolutamente de acordo com-
vosco. Isto tudo não passa, de fato, de uma enorme besteira!
Madrá, procês.

Pano

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 0020-025



Cena "em" quatro

Ato inedito de Eugene Ionesco

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO.
AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO



Personagens

- Silva, vestido como Souza
- Souza, vestido como Silva
- Santos, vestido como os outros dois:
- A bela Dama, de chapéu, bolsa, capa ou pele, luvas, sapatos, vestido etc., pelo menos ao aparecer depois...

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
FONE: 226.0242 - CEP 90020-025



Cenário

Entrada à esquerda. Mesa ao centro, sobre a mesa, junto uns aos outros, três vasos de flor. E, em qualquer lugar, poltrona ou sofá.

Cena Única

Ao levantar-se o pano Silva, agitado, com as mãos cruzadas atrás das costas, gira à volta da mesa. Souza faz exatamente o mesmo em sentido contrario, Quando Silva e Souza se encontram, dando-se uma "trombada" viram-se, recomeçando a circular em sentido contrario.

- SILVA - Não...
- SOUZA - Sim...
- SILVA - Não...
- SOUZA - Sim...
- SILVA - Não...
- SOUZA - Sim...

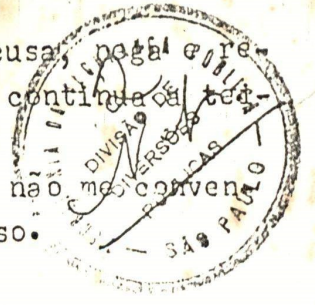
SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO.
AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO



REPRESENTANTE NO R. G. SUL

- SILVA - Pois eu digo que não... Cuidado com os vasos de flor!
- SOUZA - Pois eu digo que sim... Cuidado com os vasos de flor!
- SILVA - Se eu digo que é não, é porque é não.
- SOUZA - E se eu digo que sim, porque é sim.
- SILVA - Pode repetir quanto queira que é sim. É não não e não. Trinta e duas vezes não!
- SOUZA - Silva! Cuidado com os vaos de flor.
- SILVA - Souza! Cuidado com os vaos de flor.
- SOUZA - Como você é teimoso, puxa! É incrível como póde se tão teimoso!
- SILVA - Não sou eu. É você que é teimoso, teimoso, teimoso, teimoso...
- SOUZA - Você não sabe nada! Por que diz que eu sou teimoso? Cuidado com os vasos de flor! Eu não sou nada teimoso, pronto!
- SILVA - E você ainda quer saber porque é teimoso! Puxa! Você está me enchendo, sabe disso?
- SOUZA - Não sei se te encho ou não. Talvez te encha. Mas o que eu queria saber é por que é que hei de ser teimoso! Por que, pra principiar, eu não sou nada teimoso...

- SILVA - Não é teimoso, hem? Não é teimoso quando recusa, nega, nega, quando se opõe, quando, numa palavra, continua a teimar apesar de todas as provas que te dou...
- SOUZA - Provas não valem nada, e' está, tuas provas não valem nada com! É você que é teimoso. Eu não sou teimoso.
- SILVA - Pois eu acho que você é teimoso.
- SOUZA - Não sou.
- SILVA - É.
- SOUZA - Não sou.
- SILVA - É.
- SOUZA - Não sou.
- SILVA - É.
- SOUZA - Não eu não acho.
- SILVA - Pois eu acho.
- SOUZA - Já te disse que eu não sou.
- SILVA - Pois eu repito que é.
- SOUZA - Pode repetir quanto queira que sou. Eu digo que não, não e NÃO!
- SILVA - Você é teimoso. Você bem vê que é teimoso.
- SOUZA - Você inverte os papéis, meu caro. Não derrube os vasos de flor. Você inverte os papéis. Se estivesse de boa fé, devia perceber perfeitamente que o teimoso é você.
- SILVA - E por que eu havia de ser o teimoso? Não se é teimoso? Não se é teimoso, quando se está com a razão. E como você já deve ter percebido, eu estou com a razão, pois é, estou com a razão, apenas isso.
- SOUZA - Você não pode estar com a razão porque quem está com a razão sou eu.
- SILVA - Desculpe, sou eu.
- SOUZA - Não, sou eu.
- SILVA - Não, sou eu.
- SOUZA - Não, sou eu.
- SILVA - Não, sou eu.
- SOUZA - Não, sou eu.
- SILVA - Não.
- SOUZA - Não.
- SILVA - Não.
- SOUZA - Não.
- SILVA - Não.
- SOUZA - Não.
- SILVA - Não.
- SOUZA - Não.
- SILVA - Não.
- SOUZA - Não! Cuidado com os vasos de flor.
- SILVA - Cuidado com os vasos de flor.
- SANTOS - (entrando) Enfim! Ei-los de acordo pela primeira vez.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SILVA - Ah não! Nunca, jamais, em tempo algum! Não concordo de jeito nenhum! (mostra Souza)

SOUZA - (Souza mostrando Silva) Também eu não concordo com ele de jeito nenhum!

SILVA - Ele nega a verdade.

SOUZA - É ele que nega a verdade.

SILVA - É ele.

SOUZA - É ele.

SANTOS - Não sejam bobos. E cuidado com os vasos de flor. Não é indispensável que as personagens de teatro sejam sempre mais burras do que as da vida real.

SOUZA - Procuramos fazer o possível...

SILVA - (A Santos) E para principio de conversa, você me irrita com esse seu charutão!

SANTOS - E vocês pensam que não são, por acaso, irritantes - vocês dois - virando assim à volta, sem parar, como dois perús, com as mãos atrás das costas e sem querer fazer a menor concessão um ao outro? Vocês me dão tonturas e vão acabar mas é derrubando os vasos de flor.

SOUZA - Pois bem: daqui a pouco você vai me fazer vomitar com essa fumaçeira horrível! Que idéia! Fumar o dia todo como uma chaminé!

SANTOS - Nem só as chaminés fumam, ora.

SILVA - (A Santos) Você fuma como uma chaminé entupida.

SANTOS - (A Silva) Que comparação mais idiota! Você mostra não ter a menor imaginação.

SOUZA - (A Santos) Mas é sabido que o Silva não tem imaginação. Aliás, você também não tem.

SILVA - (A Souza) Nem você, meu caro Souza.

SANTOS - (A Silva) Nem você, meu caro Silva.

SILVA - (A Santos) Nem você, meu caro Santos.

SOUZA - (A Silva) Nem você, meu caro Silva. E não me chame de meu caro Souza, que eu não sou seu caro Souza.

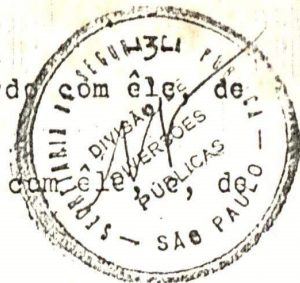
SILVA - (A Souza) Nem você, meu caro Souza, tem um pingão de imaginação! E não me chame de meu caro Silva que eu não sou seu caro Silva.

SANTOS - (Los dois outros) E vocês também não me chamem de meu caro Santos que eu não sou vosso caro Santos.

SILVA - (Los outros dois) E não me chamem de caro Silva que eu não sou vosso caro Silva.

SOUZA - (Los outros dois) E a mim também não me chamem de vosso caro Souza que eu não sou vosso caro Souza, coisíssima nenhuma!

SANTOS - E, antes de mais nada, eu não os posso incomodar com o meu charutão, pelo simples fato que não fumo um charutão. Deixem-me porém dizer, meus caros Senhores, que exageram. Exageram! Não tenho nada que ver com as suas histórias. Logo, posso julgá-los objetivamente.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SOUZA - Pois então julgue.

SILVA - Julgue então. Apresse-se, vamos.

SANTOS - Permitam-me que vos diga, com a maior liberdade, que não se pode acordar pelo menos sobre um ponto, consigam pelo menos uma base sobre a qual discutir, dialogar!

SOUZA - (A Santos) Em tais condições, não há possibilidade de dialogar com este Senhor (Mostra o Silva) As condições por êle propostas são inadmissíveis.

SILVA - (A Santos) Não desejo chegar ao que quer que seja a qualquer preço. As condições desse Senhor (Mostra o Souza) é que são desastrosas.

SOUZA - Que audácia! Pretender que as minhas condições são desastrosas! É o cúmulo!

SANTOS - (Ao Silva) Deixe-o explicar-se.

SILVA - (Ao Souza) Explique-se, andei!

SANTOS - Cuidado com os vasos de flor.

SOUZA - Explico-me: Não sei se querem realmente me ouvir, não sei se querem realmente me compreender mas compreendam-me: para que a gente se compreenda, é preciso que se entenda reciprocamente, e isso é, justamente, o que este Senhor não quer compreender, que a incompreensão do Senhor Silva é proverbial.

SILVA - (Ao Souza) O Senhor ousa da minha proverbial incompreensão quando é a sua incompreensão que é proverbial. Foi o Senhor que sempre se negou a me compreender.

SOUZA - (Ao Silva) Não! Mas isto é demais! A sua má fé é espantosa. Um nenêzinho de três meses de idade poderia compreender, caso se tratasse de um nenê de boa fé, é claro.

SILVA - (Ao Santos) Você ouviu bem, não ouviu? Você o ouviu...

SOUZA - (Ao Silva) Não, mas isso é demais! E você que não quer compreender.

SILVA - (Ao Santos) Ouviu só o que êle ousa insinuar?

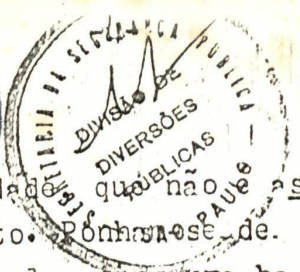
SANTOS - Senhores! Meus amigos! Que é isso! Não percamos tempo atôa! Com franquezas! Vocês falam atôa para não dizer nada.

SILVA - (A Santos) Como? Então eu falo atôa, para não dizer nada?

SOUZA - (A Santos) Como? Ousa, então dizer que eu falo atôa para não dizer nada?

SANTOS - Desculpem, não foi exatamente isso que eu quis dizer: que vocês falam atôa, para não dizer nada! Não, não, não é bem isso.

SILVA - (A Santos) Como ousa dizer que falamos atôa, para não dizer nada? Quando, precisamente, você mesmo acaba de dizer que falamos atôa para não dizer nada, sabendo perfeitamente que é impossível falar para não dizer nada desde de que cada vez que se diz qualquer coisa, falamos e, reciprocamente, cada vez que falamos dizemos alguma coisa.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025